

ENSAIOS DE FILOSOFIA NOS TRÓPICOS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

FILIPPE CEPPAS

*Ensaaios de filosofia
nos trópicos*

Questões de ensino e aprendizado

EDITORA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C333e Ceppas, Filipe
Ensaio de filosofia nos trópicos: questões de ensino e aprendizado /
Filipe Ceppas. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Filosofia. 2. Filosofia – Estudo e ensino. 3. Filosofia – Ensino médio – Brasil –
História. 4. Educação básica. I. Título.

CDD – 100
– 107
– 109.81
– 370.1

ISBN 978-85-268-1511-7

Copyright © Filipe Ceppas
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

A G. K. Heitor, com amor, em dobro!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a tantos amigos e amigas que ajudaram, de formas mais ou menos diretas, a compor os textos aqui apresentados, em especial à comunidade do Grupo de Trabalho (GT) “Filosofar e Ensinar a Filosofar”, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof). Agradeço, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo importante apoio que me deu em momentos cruciais de minha trajetória de professor e pesquisador. Um agradecimento especial, ainda, a Lúcia Helena Lahoz Morelli, pela cuidadosa e precisa revisão do texto original. Ao Núcleo de Pesquisa em Filosofia Francesa Contemporânea (Nuffc-CNPq), à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), às mais diversas universidades públicas pelas quais passei, e onde muitas das ideias presentes nestes textos foram lidas e debatidas, e, muito especialmente, aos colegas, estudantes e professores da educação básica, pública, laica e de qualidade, expresse minha mais enfática admiração e minha confiança no incansável e cotidiano trabalho em prol de uma realidade mais justa, generosa, sem violência e preconceito, no matriarcado de Pindorama.

SUMÁRIO

PREFÁCIO – <i>Walter Omar Kohan</i>	11
APRESENTAÇÃO	15

PARTE I: CONCEPÇÕES

1. O ensino de filosofia como “questão clássica” na tradição do pensamento filosófico	23
2. Desencontros entre ensinar e aprender filosofia	37
3. Metodologia de um ensino de filosofia sem fundamento (em direção a uma pedagogia estética e emancipatória do dissenso).....	49

PARTE II: SÓCRATES E KANT

4. Ensino de filosofia, terapia e método socrático	73
5. Antinomias do ensino de filosofia.....	89
6. Sublime/deformações	103
7. Amor e morte no aprendizado da filosofia	121

PARTE III: ADORNO

8. Crítica imanente e ensino de filosofia	143
9. Nos braços de Circe: Ensino de filosofia, amor e arte.....	153
10. Literatura e formação em Adorno.....	175

PARTE IV: OLHARES CONTEMPORÂNEOS

11. Foucault, Derrida e o ensino da filosofia à beira da loucura	189
12. Disciplina, punição e filosofia da educação.....	207
13. Aprendendo a ser um animal racional	219
14. Cenas antropológicas e desconstrução: Uma aprendizagem filosófica?.....	231
15. Natureza, animalidade e aprendizagem filosófica: Rousseau entre Derrida e Lévi-Strauss.....	253
 SOBRE OS TEXTOS.....	 267
 BIBLIOGRAFIA.....	 271

PREFÁCIO

Walter Omar Kohan

Ensinar... nos trópicos... filosofia

O ensino de filosofia é uma área cheia de matizes, tensões, desafios. De modo geral, essa área está atravessada pelas mais variadas possibilidades e limitações, que contornam tanto a filosofia quanto a educação; ela está afetada pela relação entre uma e outra, com muitas dimensões envolvidas, nada simples de enfrentar.

Com efeito, num sentido, pode-se dizer que a filosofia é educação, ou que sem ela, sem se tornar transmissão, palavra ou pensamento compartilhado, a filosofia perde uma parte significativa de sua graça, de seu sentido. Tem sido assim, historicamente, desde a primeira filosofia consagrada, com Sócrates, com os sofistas. E a verdade é que nunca deixou de ser assim, até os nossos dias. De modo que é difícil e até pouco interessante separar a filosofia de sua projeção educacional. Essa afirmação é ainda mais forte nos trópicos, pelo menos numa parte deles, o Brasil, onde a filosofia se tornou, já faz alguns anos, disciplina obrigatória do ensino médio. E isso abre um mundo, limitado, claro, de possibilidades. Mundo que precisa ser explorado e problematizado.

Filipe Ceppas pertence a esse grupo de professores que peitaram seriamente o desafio e, como diria Alejandro Cerletti,¹ que fizeram do ensino de filosofia um problema filosófico, uma questão da própria

¹ Cerletti, 2008.

filosofia, da maior relevância filosófica. De modo que temos em mãos um livro de ensino de filosofia e também um livro de filosofia. Um livro que problematiza, desde a filosofia, o seu ensino. Ou que faz do ensino de filosofia uma filosofia. Ou que ensina filosofia, a partir de pensar o seu ensino. Temos em mãos um livro que, antes de tudo, oferece generosamente muitos elementos para pensar as relações entre a filosofia e seu ensino.

Este é, portanto, um livro sobre o ensino de filosofia, de filosofia da educação ou de educação da filosofia, como o leitor preferir. Quero sugerir, com essa última expressão, que muitos dos que transitam pela filosofia, sejam ou não professores, poderiam ver aqui uma possibilidade de transformar sua própria prática filosófica. Temos em mãos um livro que, afinal de contas, ensina filosofia.

Das múltiplas dimensões do pensar, o livro de Filipe Ceppas parece se deter, principalmente, em duas: a estética e a política. Ambas atravessam o livro desde o começo até o fim, a partir de uma leitura que pretende afirmar a si própria como não humanista e não fundacionista e que instaura, nas próprias palavras do autor, uma “pedagogia estética e emancipatória do dissenso”, pedagogia não didatista ou instrumental, mas filosófica e desconstrucionista.

A dimensão política do ensino de filosofia costuma ser enfatizada de diversas formas. Lembro-me de que, durante a última ditadura argentina, alguns dos sequestrados, torturados e depois desaparecidos eram professores de filosofia. Muitas vezes suas bibliotecas eram revistadas e a presença nelas de alguns autores era determinante para sua sorte. Uma vez detidos, alguns desses professores eram longamente interrogados a respeito de sua prática docente, do que ensinavam, quais eram seus conteúdos, suas eleições teóricas, seus métodos. Os repressores sabiam muito bem o que faziam: ninguém é mais perigoso para uma ditadura que os que “ensinam a pensar”, ou melhor, os que levam às salas de aula pensamentos subversivos, perigosos para a estabilidade da ordem

das coisas; ou, ainda, os que dão a ler e pensar ideias, teorias e autores incompatíveis com uma visão única e totalitária de mundo que se pretende impor.

Assim colocada, a questão nos leva à própria medula da filosofia e de seu ensino. Qual política ensina um professor de filosofia? Não me refiro, claro está, apenas a um conteúdo ou a uma ideologia, mas a algo que atravessa as formas do professor, seu tom, seus gestos, seus livros, suas palavras. O que ensina, de um modo mais geral, um professor de filosofia? Muitas coisas, mas, dentre elas, uma relação com o que significa pensar, uma política do pensamento, uma paixão por pensar, um amor pelas ideias, por sua circulação e uma certa vocação intrometida de se imiscuir no que os outros pensam, em particular quando esses outros ocupam o lugar dos “alunos”. O que ensina, afinal, um professor de filosofia é a desgraça de uma vida sem exame, a morte incorporada numa vida sem discussão de ideias, sem diálogo, sem pensamento aberto e comprometido na própria dinâmica do pensar.

De modo tal que *Ensaio de filosofia nos trópicos: Questões de ensino e aprendizado*, de Filipe Ceppas, é um livro que pode desempenhar um papel significativo no atual cenário do ensino de filosofia no Brasil (e não só). Um outro aspecto do livro que merece destaque é a diversidade de autores, alguns mais usuais e esperados, como Sócrates, Kant, Adorno ou Derrida, e outros, como Eduardo Viveiros de Castro, menos esperados, mas necessários e que justificam, por si sós, o título do livro, conferindo-lhe uma especificidade singular, pois não se trata apenas de um autor, de um nome, mas de uma imagem do pensamento a serviço da filosofia e seu ensino. Assim, o perspectivismo ameríndio não apenas é chamado, como é de esperar, a problematizar as relações entre cultura e natureza, ou entre criança e adulto, ou entre professor e aluno, mas é ele mesmo uma imagem do pensamento que se afirma e se transmite em nome da filosofia.

O livro está composto de textos escritos ao longo de mais de dez anos, que mostram também um certo deslocamento no pensamento do autor, que abrem caminhos, que avançam e retrocedem, que buscam por diversas entradas, que deixam a todo momento espaço para pensar. Como afirma Filipe, logo no primeiro capítulo, tomando emprestadas as palavras de Hannah Arendt: “escrevo para pensar melhor, mas só consigo escrever quando já pensei o melhor que pude”. Está feito o convite, para quem quiser “pensar melhor” o ensino de filosofia, com este texto produzido pelas mãos atentas e rigorosas de Filipe Ceppas.

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne ensaios escritos em momentos distintos, cobrindo um período de mais de dez anos dedicados a pensar o ensino e o aprendizado de filosofia e o exercício do filosofar no ensino médio, nos trópicos. *Ensaio de filosofia nos trópicos: Questões de ensino e aprendizado* é mais (ou menos) do que um título (um título é sempre mais ou menos do que um título, como diria Derrida): é uma pergunta, um espanto, por vezes, uma exclamação. Cabe à leitora, ao leitor, a tarefa de julgar se ele procede; se aqui se encontra alguma filosofia, algum aprendizado, algum filosofar que não seja “mero exercício escolar” – embora meros exercícios escolares tenham lá o seu valor –, que não seja “mera reprodução de ideias alheias” – embora afirmar uma ideia alheia possa ser um ato de torná-la própria, como diria Montaigne (como diria/digo eu); sendo a questão mesma do “próprio-impróprio” um problema crucial para o ensinar-aprender filosofia, sobretudo nos trópicos, como veremos a seguir.

A reunião desses ensaios oferece uma visão de conjunto, uma abordagem do ensino-aprendizado da filosofia no ensino médio, no Brasil, desenvolvida em meio a uma diversidade de questões e perspectivas, em meio a uma ampla rede de amigas e amigos, colegas, estudantes, instituições, colóquios, encontros e desencontros. Se fosse preciso escolher uma característica, dentre as principais desta abordagem, eu diria que ela é, sobretudo, *não humanista*, visando exercitar a filosofia de modo a não reproduzir as armadilhas de um humanismo impotente perante os desafios do presente, um

humanismo impotente para pensar o próprio “presente”; o que significa repensar o nosso próprio/impróprio, o humano que nos constitui e o que por vezes nos escapa, assim como o desumano e o inumano que nos desafiam.

Nos três primeiros capítulos que compõem a primeira parte (intitulada “Concepções”), apresento opções teóricas, conceitos, teses e argumentos que considero importantes para avaliar problemas relativos ao ensino-aprendizado da filosofia: as finalidades a ele atribuídas; a transposição didática; a leitura do texto filosófico; perspectivas de ensino, como a ênfase na história da filosofia ou em temas etc. Tais conceitos, teses e argumentos são retomados ao longo do livro de distintas maneiras: o *juízo* (mais do que o raciocínio ou a razão) como o exercício próprio do filosofar; a complexidade e as armadilhas da relação mestre-discípulo; a atitude contraescolar do jovem como desafio e não necessariamente obstáculo ao ensino-aprendizado da filosofia; o ensino-aprendizado concebido como encenação; a igualdade das inteligências.

Nos quatro capítulos que compõem a segunda parte (“Sócrates e Kant”), ensaio um diálogo com dois autores que são referências canônicas da história da filosofia no que diz respeito à questão da sua transmissão. Nesses capítulos, Sócrates e Kant nos ajudam a pensar temas caros ao ensino-aprendizado da filosofia: a questão das relações entre filosofia e vida (o exercício da filosofia como terapia e o cuidado de si); a contraposição entre ensinar filosofia e ensinar a filosofar; a arte e o sublime como perspectivas de aprendizado filosófico; a questão do amor, da morte e do fim da metafísica como horizontes do ensino-aprendizado da filosofia.

A terceira parte (“Adorno”) é composta por três textos dedicados a Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno. Em primeiro lugar, dada a ênfase que esse autor confere à noção de crítica, interessa saber como ela poderia (ou, antes, se ela deveria) nos ajudar a repensar as finalidades atribuídas à formação filosófica na educação básica. Em

seguida, em continuidade à discussão sobre o exercício da filosofia como *amor ao saber* (proposto no capítulo 7, último da parte II, em diálogo com Kant e Derrida), procuro mostrar que Adorno nos ajuda a pensar os pontos cegos desse amor e seu aprendizado. Tal como em Kant, a teorização adorniana da estética e das questões relacionadas ao sublime constitui importante subsídio para pensar o ensino-aprendizado da filosofia na contemporaneidade, tendo como pano de fundo as fissuras entre sujeito, mundo e sociedade.

Os cinco capítulos da quarta e última parte (“Olhares contemporâneos”) apresentam e analisam outras questões que podem nos ajudar a repensar o ensino-aprendizado da filosofia na contemporaneidade: a loucura, a violência, a animalidade, a natureza. Questões que têm em comum com aquelas analisadas nas três primeiras partes do livro o fato de representarem um limite ou mesmo uma oposição à “razão”, cujo exercício seria, supostamente, o objetivo primeiro ou a natureza própria do ensino-aprendizado da filosofia. Questões, também, que dizem diretamente respeito à pergunta sobre a especificidade do ensino-aprendizado de filosofia *nos trópicos*, como procuro argumentar, em especial nos capítulos 14 e 15, que encerram o livro.

Ao longo de todos os capítulos deste livro, os temas vão se entrecruzando, se justapondo, se disseminando. Ao organizar os textos, procurei evitar impor a eles uma coerência forçada, uma sistematicidade, para além de indicar vizinhanças, proximidades, ressonâncias entre os seus temas. Contudo, uma unidade recobre esses textos: a reflexão sobre o ensino-aprendizado da filosofia. Trata-se de um trabalho que vem sendo feito a partir dos interesses dos estudantes e em diálogo com a comunidade de professores de filosofia, tanto do ensino superior como do ensino médio. Isto é, trata-se da reunião de textos que, em sua maioria, foram demandados e possibilitados por uma construção coletiva. O atendimento a essa demanda permanece, contudo, muitas vezes disperso e

subaproveitado, dadas as condições das trocas intelectuais e da circulação dos saberes num país continental como o Brasil.¹ Este livro é, portanto, mais do que a consolidação de cerca de 20 anos de trabalho com formação de professores para o ensino médio e de participação em fóruns dedicados ao tema no país; ele é a tentativa de sistematização e ampliação de um debate a muitas vozes.

Cabe reiterar que a ênfase na estética, no debate sobre o sublime ou em temas relacionados à animalidade, ao amor, à morte e ao fim da metafísica, assim como os interlocutores contemporâneos aqui mais convocados, como Adorno, Foucault ou Derrida, tudo isso parece escapar a perspectivas humanistas tradicionais, que lamentam o estado atual de penúria em que se encontra “a humanidade”. Os textos aqui reunidos querem escapar a todo e qualquer discurso sobre uma crise educacional e social que teria como causa a falta de atenção aos “bons valores humanos” que deveriam ser resgatados. Embora uma perspectiva não humanista não seja propriamente novidade no âmbito das discussões sobre o ensino-aprendizado de filosofia entre nós (demonstra-o a influência de um autor como Gilles Deleuze, no trabalho de Silvio Gallo, entre outros), ela continua sendo um desafio – ainda que somente pela ausência quase que absoluta, na produção da área, de alguns dos temas aqui explorados.

Para além dessa unidade teórica, procurei seguir um princípio de organização dos textos que facilitasse a leitura, evitando uma sucessão de discussões desconexas. Na seleção e no ordenamento dos textos, busquei combinar a análise temática com uma apresentação histórica. Assim, após uma primeira parte

¹ Embora muitos dos textos aqui agrupados tenham sido publicados em revistas e coletâneas, a maioria não se encontra facilmente disponível em livrarias e bibliotecas. Na elaboração deste livro, todos os textos passaram por um processo radical de revisão e reescrita.

inteiramente temática, os temas são apresentados e trabalhados em diálogo com pensadores dispostos mais ou menos em ordem cronológica (de Sócrates a Eduardo Viveiros de Castro, passando por Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Theodor Adorno, Hannah Arendt, Michel Foucault, Giorgio Agamben, Francis Wolff, Claude Lévi-Strauss e Jacques Derrida). Escrevo “mais ou menos” porque esses autores se revezam e dialogam nos diversos capítulos. Contudo, na maioria dos casos, acredito que a presença estratégica ou a centralidade de cada um deles em cada texto justifica a divisão por partes tal como proposta no livro.

Minha aposta é que a produção teórica aqui reunida possa servir para a ampliação de um debate relevante não apenas para especialistas em ensino-aprendizado de filosofia no ensino médio, mas para todos e todas que se interessam pela filosofia e por suas interfaces com as questões da educação na contemporaneidade. Afinal, formação filosófica de estudantes na educação básica não significa, em absoluto, formação de especialistas. E talvez seja possível dizer que alguns dos desafios da formação escolar são indissociáveis dos desafios da autocompreensão da filosofia em seu lugar de disciplina escolar e além, em seu não lugar, como pensamento que dificilmente cabe numa forma disciplinar.

Cabe inserir aqui, por fim, uma nota sobre a presença apenas marginal, neste livro, de temas que se tornaram indispensáveis não só no âmbito do ensino-aprendizado da filosofia, como também na própria filosofia nos trópicos. É possível dizer que as questões de gênero e aquelas relativas às culturas afro-brasileiras e indígenas constituem mesmo a centralidade virtual deste livro, na medida em que a tessitura “não humanista” e “antifalocêntrica” desses ensaios melhor se explicita – e para aí se encaminha – na crítica a uma “razão universal”, via de regra enunciada e defendida por homens, brancos, europeus. Enunciações e defesas que, muitas vezes, não fazemos mais do que reproduzir em nossos infinitos

comentários acadêmicos e, o que é pior, nas salas de aula. Problema crucial, para cujo enfrentamento este livro serve de introdução. Os dois últimos capítulos, em especial, escritos em 2009, indicam a abordagem do problema por mim adotada, nos anos seguintes, espelhando influências fundamentais, a começar pelo trabalho de Eduardo Viveiros de Castro. Uma trajetória que espelha, também, toda uma época, quando perspectivas decoloniais e de gênero ampliam seu espaço no debate político e intelectual, impondo-se no cenário da filosofia e no âmbito da pesquisa sobre seu ensino. De lá para cá, questões de gênero e questões relativas às culturas afro-brasileiras e indígenas têm influído de modo irreversível na reconstrução de perspectivas filosóficas não eurocêntricas, contracoloniais, reconfigurando o sentido mesmo do exercício e da tarefa da filosofia nos trópicos. Trabalhando sobretudo a partir dos debates propostos nos dois últimos capítulos deste livro, no diálogo entre a filosofia e a antropologia, tenho me dedicado, nos últimos dez anos, quase que exclusivamente a rever e reavaliar a proposta antropofágica de Oswald de Andrade na qualidade de plataforma filosófica indispensável na construção de uma perspectiva conceitual não eurocêntrica, libertária, “comunista”, contra o sexismo, o patriarcado, o racismo e a exploração capitalista.